



Arte e extensão no campo da saúde - elos em educação

Art and extension in the health area - links in education

Fernando Eduardo Zikan¹
Anielly Bastos Vaz de Jesus²
Carina Costa Cândido de Souza²
Clara Judithe de Jesus Nascimento²
Daniela Raposo Dantas²
Isabela Prado Malta²
Maria Rita Simões Torres²
Tabata Varzea Salles²
Tiago Bastos Taboada²

Resumo

Arte e Extensão se encontram com Saúde através da Educação. Elementos que compõem novo olhar sobre o fazer universitário, de forma dialógica, interdisciplinar e centrada nas pessoas. A arte tem atuado nos ambientes de saúde através da busca de soluções terapêuticas e de um ambiente acolhedor. Educação em Saúde comunica formas de se pensar terapias e, pela Arte, essa comunicação ocupa novos espaços. Nossa ação de Extensão aproxima esses ambientes levando Arte à Saúde e trazendo Saúde à Arte da Dança, voltada para artistas em formação, os empoderando em relação às suas tomadas de decisões e nos cuidados corporais. A partir dessa experiência nossa ação realizou frentes de atuação, ligadas ao acompanhamento das atividades remotas oferecidas, as aulas semanais sobre conteúdos de saúde para a prática da dança e o monitoramento do retorno das aulas práticas presenciais. Mudamos a Saúde pela Arte e na Cultura de Arte com Saúde.

Palavras-chave: Arte. Extensão Universitária. Educação em Saúde e Cultura. Dança.

Abstract

Art and Extension meet with Health through Education. Elements that make up a new look at university activities, in a dialogic, interdisciplinary and people-centered way. Art has operated in healthcare environments through the search for therapeutic solutions and a welcoming environment. Education in Health communicates ways of

1 Docente da Faculdade de Fisioterapia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - fernandozikan@hucff.ufrj.br

2 Discentes da Faculdade de Fisioterapia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) -
aniellydejesus@gmail.com; costacarina0419@gmail.com; clarajudithe@gmail.com;
daniela_129@hotmail.com; isapradam98@gmail.com; maatorress06@gmail.com;
tabatasalles16@gmail.com; tiago.taboada@gmail.com



thinking about therapies and, through Art, this communication occupies new spaces. Our Extension action brings these environments closer together, bringing Art to Health and bringing Health to the Art of Dance, aimed at artists in training, empowering them in relation to their decision-making and bodily care. From this experience, our action carried out fronts of action, linked to monitoring the remote activities offered, weekly classes on health content for dance practice and monitoring the return of in-person practical classes. We change Health for Art and the Culture of Art with Health.

Keywords: Art. University Extension. Health Education and Culture. Dance.

1 Introdução - arte e saúde

A arte não é algo que se opõe à ciência; faz parte da ciência - na verdade, faz parte de toda a experiência humana. O termo “arte” pode incluir uma diversa gama de atividades e é apresentado como um meio de inspirar mudanças positivas na saúde, tanto ao indivíduo quanto às comunidades. O uso dessas estratégias que promovem uma melhor saúde geral são duradouras e realmente sustentam a mudança de desfechos de doenças para um estado de bem-estar holístico. Os projetos artísticos têm um apelo amplo e podem ser altamente inclusivos; além disso, podem acomodar participantes com necessidades diversas e permitir que o potencial criativo inato seja realizado (HARTWELL, 2013).

Além disso, eventos artísticos e culturais são atividades de lazer que melhoram a qualidade de vida de seus participantes; oferecem benefícios físicos, mentais, sociais, educacionais e estéticos, além de relaxamento, resultando em melhora da qualidade de vida. Fatores de saúde física e mental são variáveis importantes que afetam o viver de um indivíduo. Uma boa saúde física não só aumenta a participação em várias atividades, mas também melhora a satisfação com a vida. Além disso, uma boa saúde mental melhora as atitudes e permite que as pessoas realizem seus desejos. Notavelmente, a qualidade das relações interpessoais é outra variável que influencia essa percepção do como viver: bons relacionamentos e apegos e o envolvimento na comunidade são fatores-chave para melhorar a qualidade de vida dos indivíduos (LEE, LIN e HUNG, 2021).

Quando se pensa em um ambiente de saúde que se concentra nos resultados



da prática baseada em evidências, a arte pode ajudar os profissionais de saúde a recuperar a sabedoria de saber e fazer o cuidar, que faz parte do processo de recuperação. Esta pode auxiliar os profissionais a reorientar o processo em oposição ao enfoque singular nos resultados. O fazer artístico é uma ferramenta pela qual os profissionais de saúde podem aprender e tolerar melhor a ambiguidade, que está no cerne da prática clínica (SINGER e KRUSE, 2019).

Dessa forma, há uma necessidade de se basear em dados relevantes e confiáveis para desenvolver princípios e recomendações para entidades que desejam encomendar e artistas que desejam liderar iniciativas participativas ou de arte pública que têm mais probabilidade de resultar em benefício sustentado para indivíduos e comunidades. Há um crescente corpo de evidências que mostram que as artes podem dar, e dão rotineiramente, uma grande contribuição para questões essenciais de saúde e da comunidade (HARTWELL, 2013).

Com a arte é possível ultrapassar os limites técnicos e insistir na dimensão existencial, humana, responsável, solidária, tolerante e no respeito às diversidades e, conforme Coscrato e Bueno (2011), constitui uma das dimensões de mudanças no cenário atual no campo da saúde em busca de uma assistência mais humanizada, ética e cidadã. A arte na saúde sinaliza uma postura política das novas práticas de saúde e assim faz referência justa às noções e ao ideal da integralidade. Esta intervenção com a arte apresenta uma crítica aos tradicionais métodos de ação, e propõe novas formas de relação entre os sujeitos, uma nova forma de cuidado (ROMAN, 2013).

Sendo assim, o objetivo deste trabalho, oriundo de um projeto de extensão que envolve fisioterapeutas, profissionais em formação em saúde e bailarinos, que alia transmissão de conhecimentos sobre o corpo e sobre a prática artística para evitar lesões e outros problemas da prática do ballet, é evidenciar os elos existentes entre arte, saúde e educação, sob a ótica da extensão universitária, e a importância da educação formadora, com o olhar voltado para a arte, em espaços de saúde. A partir dessa experiência e de vivência em olhar o fazer terapêutico como prática de ensino, a ação de extensão, descrita neste artigo, realizou algumas frentes de atuação, ligadas ao acompanhamento das atividades remotas oferecidas aos bailarinos, às



aulas semanais sobre conteúdos de saúde para a prática da dança e o monitoramento do retorno das aulas práticas presenciais em ambientes de arte, teatro, com toda segurança em saúde.

2 Desenvolvimento

2.1 As interfaces entre educação, arte e extensão

Uma forma de integrar educação e saúde é por meio da arte (VALLADARES, 2004). Compreende-se que a arte se configura como um elemento primordial para estabelecimento de um vínculo, pois possibilita trazer formas alternativas para entender suas percepções e também serve como uma ferramenta que os mesmos utilizam para expressar suas ideias, dúvidas e angústias vivenciadas (SILVEIRA et al, 2014).

Em 1982 a Organização Mundial de Saúde, por meio da Comissão Técnica de Novos Enfoques da Educação Assistencial Primária da Saúde, recomenda que tanto profissionais quanto comunidades passem a ser professores e educadores, no sentido de transferir os conhecimentos acadêmicos e populares, sendo papel de todos, independente da profissão ou do nível de formação. Cabendo a cada parte ensinar sobre sua “cultura da saúde”, crença e modos de atuação (MIRANDA, 2017).

Entrelaçar arte e educação significa produzir sentidos de aprendizagem que ultrapassem o mecanismo da técnica, tão arraigada na formação dos profissionais de saúde. Ensinar por meio da arte possibilita produzir experiências de aprendizado não padronizáveis pela instrumentalidade da razão, incentivando processos criativos capazes de forjar sujeitos do saber e da liberdade. (PIRES et al, 2009).

A educação para todos é a base da inclusão na educação. A UNESCO (2020) salienta que a equidade e a inclusão tornaram-se o coração da agenda 2030, pois a distribuição desigual de recursos e oportunidades persiste. As características comumente associadas à desigualdade de distribuição incluem gênero, distância, riqueza, deficiência, etnia, idioma, migração, deslocamento, encarceramento, orientação sexual, identidade e expressão de gênero, religião e outras crenças e



atitudes.

Assim como o modelo biomédico ultrapassado por suas características engessadas, hierarquizadas e verticalizadas que se postergam ao longo do tempo, o modelo educacional em saúde também segue o mesmo caminho, desconsiderando as diferenças históricas e sociais e as particularidades de cada indivíduo e seus contextos. Em todo o caso, vemos o indivíduo como agente passivo tanto no processo de cuidado da saúde como no ensino e aprendizagem sobre seus saberes em saúde. A mudança necessária nesse modelo inclui a pesquisa e a extensão como ferramentas de desenvolvimento, agrega valor tanto na experiência quanto na formação de profissionais, dá retorno à sociedade, valoriza as reflexões críticas e torna o processo mais transversal, construindo um indivíduo ativo no processo (COSTA et al, 2020). A extensão é “o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade” (NOGUEIRA, 2005).

Tendo em vista que a extensão é uma atividade que visa promover interação entre as instituições de ensino superior e outros campos da sociedade, através da produção e aplicação de conhecimentos articulados permanentemente ao ensino e à pesquisa, busca-se uma interação dialógica entre a sociedade e a comunidade acadêmica pela troca de conhecimentos e do contato e participação nas questões de grande complexidade do contexto social contemporâneo. Tal relação ocorre por um processo interdisciplinar, científico, cultural, tecnológico e político educacional (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018). Dessa forma, faz-se valer o preceito constitucional de indissociabilidade entre o Ensino, a Pesquisa e a Extensão, constituindo assim os três pilares da Universidade. (PORPROEX, 2012).

Da implementação da extensão na formação acadêmica emerge a relevância da prática educacional pelo discente, ainda em formação, e não necessariamente como prática exclusiva aos professores nos cursos de saúde, mas como parte da formação desses profissionais de saúde através de um processo pedagógico de “articulação entre ensino/extensão/pesquisa” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018).

Cabe citar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - N° 9.394/96, que



compreende como processos formativos da educação o desenvolvimento “na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996). O papel da extensão, para além do que Silva (2011) acredita como “função social universitária”, busca aproximar a sociedade da universidade a partir da construção de uma via de mão dupla que o ensino-aprendizagem proporciona.

A extensão possui características que podem vir a contribuir para uma mudança no processo de ensinar e aprender que é feita de encontros entre alunos, professores e comunidades e tem a possibilidade de incorporar outros saberes e de ampliar a capacidade de reflexão sobre o conhecimento e os contextos de atuação profissional. A ideia do ensino articulado à extensão baseia-se em atitudes de reflexão, análise, tomada de decisão, articulação com o outro, a escuta atenta e as parcerias. Esta deve proporcionar a articulação entre a formação acadêmica, o conhecimento produzido neste espaço e a sociedade, a fim de intervir e contribuir com as mudanças sociais (TAUCHEN et al, 2013).

Em um processo de educação permanente e comunitária, a responsabilidade pelo desenvolvimento do ensino e aprendizagem é de todos os envolvidos nesta cadeia. A todo momento os indivíduos são educandos e educadores, participam ativamente de cada etapa da educação. Nesse sentido, a extensão cria condições para que cada um tenha papel relevante e para que todos se desenvolvam. Nessa ótica, se o conhecimento se mantém fechado entre muros, não há conhecimento (FEIO e OLIVEIRA, 2015) e o que defendemos neste trabalho é o movimento inverso a este

2.2 Arte e educação em saúde

Para propor um processo que vise cura, considerando toda a subjetividade contemporânea talvez engessada em processos muito rígidos de ações, seria preciso que “prescrevêssemos” poesia como se prescrevem vitaminas; a poesia, a sensibilidade e a criação artística como ferramentas privilegiadas de produção de saúde em nosso tempo (LIMA et al., 2015).



Para a prática da educação em saúde, acredita-se na utilização da arte como ferramenta propícia para o diálogo e a aproximação entre indivíduos/coletivos/profissionais de saúde sendo capaz de trazer à tona uma gama de significados culturais e sociais que, tendo resultado positivo, pode vir a ser um recurso terapêutico que aproxime profissionais de saúde e usuários de forma mais igualitária (DANTAS, 2010).

Uma vez que a arte possibilita o desenvolvimento de relações e diálogos mais próximos da vida cotidiana das pessoas, permite aproximações e trocas entre os universos, interpretações subjetivas, sofrimentos, compreensões de mundo e do próprio ser, em níveis não alcançáveis com apenas palavras e boas intenções (MASSETI, 1997; 2005; OLIVEIRA & OLIVEIRA, 2008).

Os atravessamentos entre a produção cultural e as práticas em saúde têm, no Brasil, uma longa história. Já na década de 1920 do século passado, enquanto Mário de Andrade escrevia um livro intitulado “Namoros com a Medicina”, o psiquiatra Osório César publicava críticas de arte nos jornais. Algum tempo depois, Nise da Silveira estimulava e produzia a primeira montagem de um texto de Artaud no Brasil, dentro de um Hospital Psiquiátrico; enquanto o crítico de arte Mário Pedrosa desenvolvia a ideia de que a principal finalidade de uma ocupação artística persistente e sistemática não é a produção de obras-primas. O mais importante, dizia ele, é o que adquire com tais atividades a pessoa que as realiza, o que essas atividades produzem numa vida (LIMA et al, 2015).

Para Castro et al (2015) há, atualmente no Brasil, uma marcada presença de ações culturais, atividades artísticas e práticas corporais que dinamizam o campo da saúde, e, ao mesmo tempo, intensificam a produção de saúde em espaços tradicionalmente não designados para este fim. Essas atividades compõem o conjunto de estratégias voltadas para a construção de projetos de vida, a invenção de outras formas de participação social, promoção de espaços de troca e experimentação de modos inusitados de produção de valor.

Essa aproximação entre as artes, a saúde e a cultura fizeram emergir um novo campo de saberes em interface, o que redimensiona cada um dos termos. A saúde passa a ser relacionada, também, com a possibilidade de experimentar a criatividade,



de participar das trocas sociais, de ter acesso às experiências culturais. Da mesma forma, as manifestações artísticas e culturais passam a ser compreendidas como capazes de contribuir para a produção de saúde e de subjetividade, podendo reorientar os modos do viver, de adoecer e de (se) cuidar (LIMA et al, 2015).

Podemos ainda citar, para a compreensão das relações Arte-Ciência-Saúde-Educação-Extensão, o filósofo alemão Hans-Georg Gadamer, referenciado por Sato (2015), que já demonstrara como a ciência domina o modo de pensar das sociedades modernas, “encarregando-se” de toda explicação referente aos fenômenos da realidade, o que se torna ainda mais evidente em campos como a saúde. Enquanto isso, a arte foi sendo remetida ao campo da ficção.

Ao mesmo tempo em que a arte conquistou autonomia, ela se tornou restrita ao imaginário, ao irreal. Atualmente, há locais específicos para a realização da arte, que ficam deslocados da vida cotidiana. Para a vivência artística, torna-se necessário buscar museus, teatros, concertos, por exemplo. Mas, nesse mundo colonizado pelo raciocínio científico, a integração da arte ao cotidiano pode configurar uma linha de fuga ao tecnicismo, à lógica substantivamente instrumental das ciências, trazendo aberturas para dimensões do humano diversas daquelas apreendidas pelas tecnociências.

Quando se trata do cotidiano das práticas de saúde, por exemplo, aspectos associados à saúde, ao sofrimento ou, mesmo, à finalidade da vida – que passam, muitas vezes, despercebidos – podem ser colocados sob novas luzes. Questões referentes ao sentido da existência podem (e, muitas vezes, devem) ser evocadas durante as ações de cuidado, e ter a competência de saber identificá-las e abordá-las diz respeito à humanização. Neste contexto, a arte pode ter um papel fundamental (SATO, 2015).

2.3 Ação de extensão: saúde e dança, um belo *pas de deux*

Estabelecer uma relação dialógica entre a academia e a instituição parceira, em uma abrangência interdisciplinar, na qual a Educação e a Saúde se articulam para



ajudar nesse momento de mudança de ambientes e paradigmas, é o objetivo deste artigo, tendo o propósito de relatar as relações entre arte, saúde e extensão em uma ação de extensão realizada virtualmente para artistas em formação.

Intervenções artísticas podem impactar na redução dos níveis de estresse e ansiedade, no tempo de recuperação cirúrgica e de procedimentos, melhorias no humor, distração positiva, redução na necessidade de medicação para dores, melhora na comunicação entre o paciente e o cuidador.

A arte também pode ser utilizada para facilitar a comunicação a indivíduos e comunidades, aumentar a conscientização sobre questões de saúde, promover o envolvimento da comunidade e atingir grandes públicos. Uma das áreas em que a arte mostra influência é relacionada à saúde pública. A comunicação em saúde, por definição, torna as evidências interpretáveis, persuasivas e acionáveis. A mídia criativa, incluindo teatro, música e dança, dá sentido à saúde e informação e pode melhorar a compreensão, retenção e utilização da informação (SONKE et al, 2015).

O bailarino, artista, possui a necessidade de executar movimentos de alta intensidade e altamente treinados, nos quais os músculos e as articulações precisam, muitas vezes, produzir um trabalho além do que o físico consegue realizar por si mesmo (KENE e UNNITHAN, 2008).

Refletindo sobre essas alterações posturais e o intenso uso do corpo humano para esta prática, se faz cada vez mais necessária a divulgação de conhecimentos sobre essas alterações, a fim de que todos os profissionais que lidam com essa prática tenham um total domínio sobre essas disfunções e possíveis lesões e, quando for necessária, a correta abordagem terapêutica (THOMAS e TAU, 2009; BIERNACKI et al, 2018).

O balé possui grande popularidade ao redor do mundo e apesar de parecer algo tão sublime, exige muitas horas de prática a fim de atingir tal utopia em movimentos extremamente complexos. Para chegar ao topo, muitos bailarinos passam por inúmeras dificuldades e precisam lidar com situações adversas, seja por fatores externos, como a pressão e a insegurança, seja por fatores internos, como distúrbios fisiológicos (WALTER e YANKO, 2018 e ZIKAN, 2019¹).

A necessidade de uma atuação fisioterapêutica direcionada para essas



patologias, por meio de medidas analgésicas, anti-inflamatórias e intervenções que considerem o reequilíbrio biomecânico, através de análise precisa e exercícios específicos, se faz presente e indispensável no universo da dança (WYON, 2010; LIEDENBACH, 2010; STEINBERG et al, 2018).

É cada vez mais frequente a lesão ortopédica e traumática decorrente de anos de treinamento da dança devido às alterações posturais que esta prática promove e às repercussões que a sobrecarga provoca no corpo do bailarino (ZIKAN, 2020). Essas lesões ortopédicas e traumáticas podem se apresentar de diversas maneiras, como lesões por desgaste, por técnicas mal executadas, alterações anatômicas e lesões diretas, como por exemplo, quedas, entorse e afins (RUSSEL, 2010; PHAN, 2020).

A falta de assistência especializada no universo da dança e um despreparo na realização de suas atividades e na orientação quanto a condutas a serem realizadas, nos motivou a informar e atualizar os alunos e docentes de cursos de formação profissional em dança, de maneiras preventivas, para que evitem que as lesões ocorram nos seus corpos e nos de quem ensinarem (TWITCHETT et al, 2010). , Possibilitando, assim, que identifiquem o perfil lesional desta população e os fatores que facilitariam a prevenção e a abordagem terapêutica (LIEDENBACH, 2010).

A partir desse conhecimento, surgiu a ação de extensão “Saúde e Dança - um belo pas de deux” em 2016, idealizada por um docente do Curso de Fisioterapia, que há mais de 15 anos trabalha com o diálogo entre a saúde e a arte. Esta ação conta com a participação de oito alunos de graduação em Fisioterapia, de diversos períodos do curso, desde os mais iniciantes aos formandos. Desde sua criação, os alunos do curso de Fisioterapia da UFRJ planejam e monitoram aulas teóricas e práticas sobre conhecimentos anatômicos e fisiológicos, a fim de promover maior troca de informações que influem sobre cuidados e prevenção, junto a alunos de dança, em processo de formação profissional.

Essas ações ocorreram de 2017 a 2019 com interações presenciais semanais, na sede da Escola Estadual de Danças do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, instituição parceira que mantém um tradicional curso técnico de formação de bailarinos. A vivência foi enriquecedora para ambos os grupos de alunos, que



construíram formas de dialogar e compartilhar saberes entre si. Mas em 2020, dada a pandemia de Covid-19, as ações tiveram que ser suspensas de março a julho, retornando em agosto no formato remoto, o que se manteve até outubro de 2021.

Mesmo com as limitações físicas e com toda a sobrecarga emocional neste momento de pandemia, as ações de extensão unindo os alunos da saúde com os da arte, configuraram um espaço rico de compartilhamento de vivências e de experiências tanto corporais quanto psicológicas sobre o que se passava naquele momento atípico.

2.4 Saúde na dança - a necessidade de readaptar

Junto à atual pandemia de Covid-19, surgiu a necessidade de os alunos manterem suas atividades para não perderem condicionamento físico, porém em um outro ambiente. Este ambiente novo depende de espaço apropriado, boa conexão com a internet, orientação clara e bastante cuidado. Agora, principalmente durante a pandemia, os bailarinos precisam ter total consciência corporal e entender melhor os limites fisiológicos do seu corpo, para não serem ultrapassados e, assim, produzirem lesões.

As aulas online contribuíram para reiterar o entendimento da forma e do ritmo do movimento como uma consequência da sensação e da percepção do peso, do espaço, do tempo e do fluxo (LESSA, 2020). A dança clássica, como outras formas de atividade física, exige do corpo humano adaptações, esforços e preparo que em muitos casos vão além do que aquele corpo é capaz de suportar (STRETANSKI, 2002).

É comum a associação entre saúde e a prática de esportes ou dança, que apesar de ocupar o meio artístico também é semelhante ao esforço de certos esportes, dependendo da modalidade; porém quando se trata de atletas e artistas de alta performance, as altas incidências de lesões musculoesqueléticas podem não indicar saúde de fato. No caso de bailarinos, a disciplina profissional construída ao longo de sua carreira, a tolerância à dor, a forte autocrítica e a cultura da perfeição são traços da identidade desse profissional (BOLLING, 2009). Para Zikan (2012) o corpo cênico



do bailarino camufla um corpo lesionado, fatigado, danificado pelas atividades exigidas.

No que diz respeito à saúde na área da dança, além das preocupações musculoesqueléticas, as distorções de imagem corporal tornam esses profissionais grupo de risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares devido à grande preocupação com a forma física (RIBEIRO e VEIGA, 2010).

A dança é uma atividade profissional com participantes que são pouco orientados quanto à necessidade de um diagnóstico precoce e uma assistência à saúde apropriada. Tem como foco de atenção uma atividade profissional específica, que requer grande capacitação física e mental para a execução da atividade e que traz, como consequência, um alto índice de morbidades (ALLEN et al, 2019).

Fatores pessoais, econômicos, psicológicos e físicos aumentam o estresse de bailarinos especificamente, que resultam em altos índices de lesões momentâneas ou permanentes e que podem levar ao fim do exercício profissional, o que influencia diretamente na qualidade de vida destes (STRETANSKI e WEBER, 2002).

O balé é uma prática de dança que exige alto desempenho e elevada demanda muscular e estrutural (WYON, 2010). Devido a isso, as lesões ocorrem, na maioria das vezes, por entorses, microtraumas, excesso de treino (que leva à fadiga muscular), entre outras causas. Assim, em alguns movimentos, os bailarinos sobrecarregam determinadas áreas do corpo e promovem compensações, desequilíbrios e lesões musculoesqueléticas, modificam a biomecânica corporal, de forma predominante na cervical, lombar e membros inferiores, onde o tornozelo se configura como a causa mais frequente (COSTA et al, 2016).

O risco constante de ocorrer alguma lesão faz com que o bailarino sofra pressões frequentes para realizar sua atividade profissional e, quando ela acontece, ele passa a considerar aquilo como parte integrante de sua vida; o que acaba tornando, algumas vezes, mais difícil sua recuperação e a realização da atividade. Mesmo em um ambiente ideal, com linóleo, barras, espelhos e o toque, com o suporte do professor, que proporcionam maior atividade proprioceptiva, esse risco se mantém alto (WYON, 2010; COSTA et al, 2016).

Nesse sentido, mais importante do que “acertar” as sequências propostas ou



desenvolver movimentos complexos, ficou evidente que a presença e a disponibilidade corporal estão relacionadas com o espírito investigativo do corpo em movimento. Sem a possibilidade de dançar fora de casa, a viagem aconteceu em casa e pelo mapa corporal (LESSA, 2020).

O corpo, tornando-se alvo de novos mecanismos do poder, oferece-se a novas formas de saber (ZIKAN, 2012). Agregamos novas sensações, paramos em lugares ainda não visitados, descobrimos rotas, percorremos atalhos e extensões no caminho. Convidamos a propriocepção para uma dança mais consciente e ampliamos a relação corpo-casa (LESSA, 2020). Herdamos efetivamente um corpo dolorido, machucado e reticente aos riscos inerentes às experimentações, ao mesmo tempo em que somos convocados a vivê-las (ZIKAN, 2012).

Segundo Zikan (2019²) as condições ambientais e culturais parecem ser fatores causais para o desenvolvimento de distorções e distúrbios da imagem corporal. Quando se trata de bailarinos a busca por um padrão vai além dos parâmetros populacionais devido à exigência do padrão estético envolvida à medida que se profissionalizam.

A relação entre saúde e arte no campo da dança está intimamente ligada a um corpo que não só é parte do sujeito, mas também instrumento da profissão. Para muitos, além da ocupação profissional e sua forma de sustento, na dança está também sua vocação (BOLLING, 2009). A saúde precisa traçar um caminho paralelo à dança, de consciência e conhecimento sobre o corpo e sua atuação, e não apenas na busca por reabilitação.

2.5 Educação em saúde para artistas - o papel realizado pela extensão universitária

O advento da internet possibilitou a expansão do conhecimento científico, econômico e histórico. Nesse contexto, a propagação mais rápida de informação teve seus prós e contras, e o poder de desinformação aumentou em proporções similares à rapidez da mesma (CARVALHO, LIMA e COELI, 2020). Com isso, tornou-se imprescindível a atuação dos profissionais de saúde em fornecer informações verídicas e confiáveis para a população, incluindo idosos, adultos, crianças e, nesse



caso, bailarinos.

A relação entre fisioterapeutas e bailarinos pode ter duas funções: a de curar alguma disfunção e a de ensinar. Como profissional da saúde, o fisioterapeuta tem a responsabilidade não somente de tratar disfunções, mas de proporcionar uma visão biopsicossocial da vida dos bailarinos. E a partir disso, o fisioterapeuta pode promover maior conhecimento acerca da biomecânica do movimento corporal utilizado na dança, tal como a fisiologia geral do corpo e, instruí-los sobre a importância de manter uma boa saúde, tanto física quanto psicológica. Cabe salientar que há uma grande pressão para obterem um desempenho impecável nos encontros presenciais e, devido ao atual cenário pandêmico, isso se agrava pela ansiedade do retorno à rotina normal que parece ser tão incerto (ZIKAN, 2019¹; WALTER e YANKO, 2018; ZIKAN, 2019²).

A partir dessa experiência e de vivência em olhar o fazer terapêutico como prática de ensino, a ação de extensão realizou algumas frentes de atuação:

- i - Acompanhamento das atividades remotas oferecidas aos bailarinos - com participação em aulas, orientações sobre dançar em ambiente domiciliar, seus cuidados com: pisos, calçados, ventilação, iluminação, alimentação e fadiga;
- ii - Aulas semanais sobre conteúdos de saúde para a prática da dança;
- iii - Monitoramento do retorno das aulas práticas presenciais em ambientes de arte, teatro, com toda segurança em saúde.

Esta última ação caracteriza claramente a modificação de planejamento da ação de extensão frente a uma solicitação do parceiro institucional. Dada a possibilidade de retorno às aulas, a Escola parceira solicita ao projeto ajuda no planejamento das ações de retorno. Como o parceiro tem, no projeto de extensão, sua ponte em relação à área da saúde, a extensão universitária compreende a demanda da comunidade escolar, analisa e avalia as condições e propõe soluções conjuntas para a saúde da população escolar.

O momento que vivemos, com o isolamento social, permitiu a vivência da importância da arte na vida das pessoas e o impacto disso em seu cotidiano frente às dificuldades como ação promotora de saúde.



3 Conclusão

Compreendemos que a arte se configura como um elemento primordial para estabelecimento de um vínculo entre atores envolvidos no processo de Educação em Saúde, onde a Arte torna-se um meio promotor da saúde populacional. Arte e Extensão rompem barreiras físicas e alcançam os locais de saúde e seus saberes.

Em períodos de isolamento social, afastamento das unidades de saúde e dos locais terapêuticos, a extensão universitária se mostra mais importante ainda, como um mecanismo acadêmico ágil para atender às demandas da comunidade frente às circunstâncias inesperadas de saúde e deslocamento social.

Quando utilizamos a arte para estabelecer esse elo, as potências alcançadas ultrapassam a relação terapeuta-paciente e conseguem fomentar ambientes de e para saúde da população.

Assim sendo, dada a necessidade de informar, formar, partilhar e multiplicar conhecimentos, a UFRJ oferece essa ação de extensão, do Curso de Fisioterapia, que utiliza ambientes da Arte como ambientes promotores de Saúde, com adaptações, para oferecer encontros remotos e reflexões aos bailarinos da Escola de Dança do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, e ao seu corpo social e familiares, para assim cumprir seu papel de dialogar com a comunidade frente às suas necessidades.

Analisando cinco anos de trabalho com o projeto, quatro turmas do curso de extensão concluídas e uma em andamento (aproximadamente 100 alunos), bailarinos profissionais formados e fisioterapeutas graduados tiveram a oportunidade de vivenciar, refletir e experimentar o impacto da Educação em Saúde, construída dia a dia, sobre o campo das Artes, e o quanto isto modificou a forma de se entender o corpo que está no palco tanto quanto o corpo que está no ambiente do cuidado. O dançar e o cuidar andam juntos nesse sentido.

Referências



ALLEN, C. P. et al. Sport, physical activity and physical education experiences: Associations with functional body image in children. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 45, p. 101572, nov. 2019. DOI: 10.1016/j.psychsport.2019.101572

BIERNACKI, J. L. et al. Risk Factors for Lower-Extremity Injuries in Female Ballet Dancers. **Clinical Journal of Sport Medicine**, v. Publish Ahead of Print, 24 dez. 2018. PMID: 30589745. DOI: 10.1097/JSM.0000000000000707

BOLLING, C.S. Relações do processo saúde e doença com o trabalho em bailarinos profissionais. **Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Universidade Federal de Minas Gerais**. Belo Horizonte, 2009.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 20 dez. 1996.

CARVALHO, M. S.; LIMA, L. D. DE; COELI, C. M. Ciência em tempos de pandemia. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 4, 2020. DOI 10.1590/0102-311X0005520

CASTRO, E. D.; LIMA, E. A.; INFORSATO, E. A.; BUELAU, R. M. Developing socio-cultural technologies for mental health intervention in São Paulo, Brazil: interface of arts, health and culture. **World Cult Psychiatr Res Rev**. 2015.

COSCRATO, G.; BUENO, S. M. V. A luz da arte nos Centros de Atenção Psicossocial: interface com o cuidado. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 142-150, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/68480>. Acesso em: 9 ago. 2021.

COSTA, A. C. DE P. et al. Educação e Saúde: a extensão universitária como espaço para tencionar e pensar a educação em saúde. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 4, p. 21616-21630, 2020. DOI:10.34117/bjdv6n4-362.

COSTA, M. S. S. et al. Characteristics and prevalence of musculoskeletal injury in professional and non-professional ballet dancers. **Brazilian Journal of Physical Therapy**, v. 20, n. 2, p. 166-175, abr. 2016. DOI: 10.1590/bjpt-rbf.2014.0142.

DANTAS, M. B. P. Educação em Saúde na Atenção Básica: sujeito, diálogo, intersubjetividade. **Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz**. Recife, 2010.

FEIO, A.; OLIVEIRA, C. C. Confluências e divergências conceituais em educação em saúde. **Saúde e Sociedade**, ISSN 1984-0470. v. 24, n. 2, p. 703-715, jun. 2015. [Acessado 19 Julho 2021], pp. 703-715. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902015000200024>>.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Vozes, 2011.



HARTWELL H. Arts and Health. **Perspectives in Public Health**, v. 133, n. 1, p. 2-2, jan. 2013. PMID: 23307990. DOI: 10.1177/1757913912469305.

KENE, E.; UNNITHAN, U.B. Knee and ankle strength and lower extremity power in adolescent female ballet dancers. **Journal of Dance Medicine & Science: Official Publication of the International Association for Dance Medicine & Science**, v. 12, n. 2, p. 59-65. 2008. PMID: 19618580.

LEE, C.-W.; LIN, L.-C.; HUNG, H.-C. Art and Cultural Participation and Life Satisfaction in Adults: The Role of Physical Health, Mental Health, and Interpersonal Relationships. **Frontiers in Public Health**, v. 8, 21 jan. 2021. DOI: 10.3389/fpubh.2020.582342. PMID: 33558844; PMCID: PMC7864897.

LESSA, H. T. Aulas de dança em tempos de pandemia: (oscil)ações de uma professora-artista. **Revista de Arte, Educação, Profissionalização e Comunidades**, v. 1, n. 2, 2020.

LIEDENBACH, M. Perspectives on dance science rehabilitation understanding whole body mechanics and four key principles of motor control as a basis for healthy movements. **Journal of Dance Medicine & Science: Official Publication of the International Association for Dance Medicine & Science**, v. 14, n. 3, p. 114-24. 2010.

LIMA, E. A. et al. Interface arte, saúde e cultura: um campo transversal de saberes e práticas. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 19, n. 55, p. 1019-1022, dez. 2015. D10.1590/1807-57622015.0680

MASETTI, M. Clown's Solutions for Hospitalized Children. In: Eighth International Society for Humor Studies Conference, 1997, Oklahoma. **Abstracts Of The Eighth International Society For Humor Studies Conference**. Oklahoma: university of Central Oklahoma, p. 27-27, 1997.

MASETTI, M. Doutores da ética da alegria. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 9, n. 17, p. 453-458, ago. 2005. DOI: 10.1590/S1414-32832005000200026.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (BRASIL). Conselho Nacional De Educação - Câmara De Educação Superior. **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018**. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências, 2018. Disponível em: <https://extensao.ufrj.br/images/LEGISLACAO/CNE---Resolucao-n-7-de-18-de-dezembro-de-2018.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2021.

MIRANDA, C. G. L. Arte na educação em saúde: ensino e aprendizagem para transformar relações. **Tese (Doutorado em Inovação Terapêutica) - Universidade Federal de Pernambuco**, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/26625>. Acesso em: 29 jul. 2021.



NOGUEIRA, M. D. P. **Políticas de Extensão Universitária Brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

OLIVEIRA, R. R. DE; OLIVEIRA, I. C. DOS S. Os Doutores da Alegria na unidade de internação pediátrica: experiências da equipe de enfermagem. **Escola Anna Nery**, v. 12, n. 2, p. 230-236, jun. 2008. DOI: 10.1590/S1414-81452008000200005

PHAN, K. et al. Prevalence and unique patterns of lower limb hypermobility in elite ballet dancers. **Physical Therapy in Sport**, v. 41, p. 55-63, jan. 2020. PMID: 31759239
DOI: 10.1016/j.ptsp.2019.11.005

PIRES, M. R. G. M. et al. Diálogos entre a arte e a educação: uma experiência no ensino da disciplina de administração em saúde. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 18, n. 3, p. 559-567, set. 2009. DOI: 10.1590/S0104-07072009000300020

PORPROEX, Política de Extensão Universitária. **Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX)**, Manaus, Maio. 2012.
Disponível em: <https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional- de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2021.

ROMAN, J. A. "Arte e saúde: uma interface a serviço da integralidade". **Dissertação (mestrado Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva) - Universidade Federal de Santa Catarina**, p. 104. 2013

RIBEIRO, L. G.; VEIGA, G. V. DA. Imagem corporal e comportamentos de risco para transtornos alimentares em bailarinos profissionais. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 16, n. 2, p. 99-102, abr. 2010.

RUSSELL, J.A. Acute ankle sprain in dancers. **Journal of Dance Medicine & Science**, v. 14, n. 3, p. 89-96, 2010. PMID: 21067686

SATO, M.; AYRES, J. R. DE C. M. Arte e humanização das práticas de saúde em uma Unidade Básica. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 19, n. 55, p. 1027-1038, dez. 2015. DOI: 10.1590/1807-57622014.0408.

SILVA, F. J. G. Extensão universitária: aproximações em tempos de mercantilização da educação. **Mestrado em educação. Universidade Católica de Santos**. Santos, 2011.

SILVEIRA, A; TORRES, O. M.; FERREIRA, A. M.; et al. A arte e a saúde: uma possibilidade de reflexão e educação. **31º seminário de extensão universitária da região sul**. Florianópolis, julho, 2014. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/117431/Sa%C3%BAde%20-%20ARTE%20E%20SA%C3%9ADE%20UMA%20POSSIBILIDADE%20DE%20REFLEX%C3%83O%20E%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20%281%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>



SINGER, R.; KRUSE, K. Art and health care: A dialog about interdisciplinary collaboration. **Nursing Forum**, v. 54, n. 3, p. 403–409, 23 abr. 2019. DOI: 10.1111/nuf.12347. PMID: 31016734.

SONKE, J; PESATA, V. The arts and health messaging: Exploring the evidence and lessons from the 2014 Ebola outbreak. **BMJ (online)**. Abril, 2015.

STEINBERG, N. et al. The association between menarche, intensity of training and passive joint ROM in young pre-professional female dancers: A longitudinal follow-up study. **Physical Therapy in Sport**, v. 32, p. 59–66, jul. 2018. PMID: 29758506 DOI: 10.1016/j.ptsp.2018.05.003

STRETANSKI, M. F.; WEBER, G. J. Medical and Rehabilitation Issues in Classical Ballet. **American Journal of Physical Medicine & Rehabilitation**, v. 81, n. 5, p. 383–391, maio 2002. PMID: 11964579. DOI: 10.1097/00002060-200205000-00013

TAUCHEN, G.; MONTEIRO, M. C. M.; VIERO, T. V. Políticas, concepções e ações de extensão na educação superior brasileira. **Momento - Diálogos em Educação, [S. l.]**, v. 21, n. 1, p. 9, 2013. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/2390>. Acesso em: 9 ago. 2021.

THOMAS, H.; TAU, J. Dancer's perceptions of pain and injury positive and negative effects. **Journal of Dance Medicine & Science**, v. 13, n. 2, p. 51–59, 2009. PMID: 19508809.

TWITCHETT, E. et al. Does physical fitness affect injury occurrence and time loss due to injury in elite vocational ballet students? **Journal of Dance Medicine & Science**, v. 14, n. 1, p. 26–31, 2010. PMID: 20214852

UNESCO. Inclusion and Education All Means All. **Open WorldCat**, 2020. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373718>. Acesso em: 9 ago. 2021.

VALLADARES, A. C. A. Arteterapia no novo paradigma de atenção em saúde mental. São Paulo: **Vetor**, 2004.

WALTER, O.; YANKO, S. New observations on the influence of dance on body image and development of eating disorders. **Research in Dance Education**, v. 19, n. 3, p. 240–251, 5 jan. 2018. DOI:10.1080/14647893.2017.1420767

WYON, M. Preparing to perform periodization and dance. **Journal of Dance Medicine & Science**, v. 14, n. 2, p. 67–72, 2010. PMID: 20507723.

ZIKAN, F. E. Self-reported distortion of body image among classical ballet students in Brazil: classification according to the Body Shape Questionnaire. **Fisioterapia Brasil**, v. 19, n. 6, p. 821–829, 1 fev. 2019¹.



ZIKAN, F. E. Relationship between the joint mobility index and the presence of injury and pain among ballet students in Brazil. **Fisioterapia Brasil**, v. 20, n. 1, p. 77-83, 19 fev. 2019².

ZIKAN, F. E. O processo de formação de bailarinos profissionais, tomando a dança na dimensão arte-trabalho, e sua relação com a saúde. **Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal do Rio de Janeiro**, p. 27-28. 2012.

ZIKAN F. E. et al. Saúde e Dança: alternativas virtuais de orientações em saúde - uma ação de extensão adaptada durante a pandemia de Covid-19. **RAÍZES E RUMOS**, 8(2), 210-219.(2020) Recuperado de <http://seer.unirio.br/raizeserumos/article/view/10211>